

As raízes da modernidade e a retomada da metafísica do *esse*: Lima Vaz propõe Aquino

Jefferson Luis Rodrigues de Farias¹

Resumo: O paradigma da subjetividade institui o pensamento moderno como inversão radical da filosofia até a sua época e, portanto, a passagem do regime gnosiológico do *esse* para o regime gnosiológico da representação. Segundo Henrique Cláudio de Lima Vaz, as raízes desse movimento de imanentização do pensamento remontam à segunda metade do século XIII, iniciando esse itinerário de negação da metafísica enquanto instância fontal da filosofia, que perdura até os nossos dias. A este desafio da modernidade à razão, o filósofo brasileiro propõe o retorno à Metafísica do *esse* tal como pensada por Tomás de Aquino, numa interpretação que explicita as possibilidades da síntese tomasiana no âmbito gnosiológico. Intentamos neste trabalho a análise do alcance dessa proposta a partir de sua intuição fundamental da necessidade de retorno da metafísica. Para tanto, a leitura crítica de *Raízes da Modernidade*, como modo de explicitação da doutrina tomasiana, apresentará a perspectiva vaziana como uma possibilidade viva de retornar à filosofia sua fonte metafísica e, portanto, como portadora de grande valor para pensar os desafios presentes postos ao estatuto epistemológico da filosofia.

Palavras-chave: Metafísica do *Esse*. Lima Vaz. Tomás de Aquino. Modernidade. Gnosiologia.

INTRODUÇÃO

Em sua obra *Raízes da Modernidade*, o filósofo brasileiro, Henrique Cláudio de Lima Vaz, percorre o itinerário de toda filosofia buscando o ponto de partida para o moderno paradigma da subjetividade. A postura moderna, caracterizada como uma proposta de “inversão radical”, colocou em xeque toda e qualquer tentativa da tradição de tematizar o todo da realidade a partir da unidade originária absoluta, princípio de inteligibilidade e instância fontal da filosofia (cf. OLIVEIRA, 2012). A subjetividade, tornada fundamento da possibilidade de tematizar o mundo, instaurou o regime gnosiológico da representação e criou uma ruptura entre ser e pensar, intransponível para o seu quadro referencial teórico, acabando por suplantando a própria conveniência e necessidade da filosofia.

Desse modo, é posto à filosofia o grande desafio de superar a modernidade, sob pena de não se justificar perante a questão de sua existência. Lima Vaz propõe, assim, um retorno à Metafísica do *Esse*, ao seu regime gnosiológico, como possibilidade de devolver o *Pensar* ao *Ser* e de retornar a filosofia à sua fonte. O último grande itinerário na tradição filosófica da metafísica do *Esse* foi a proposta *tomasiana*, que instaura, segundo Vaz, uma dialética entre o *Esse* absoluto e os *esse* relativos, que dá conta de quebrar a concepção imanentista da gnosiologia da representação ao salvaguardar a transcendência do primeiro. Por isso, Tomás se torna um caminho de retornar à filosofia sua fonte metafísica e superar o paradigma da modernidade. Entretanto, se põe sempre a questão da possibilidade e alcance da retomada dessa tradição, o que tentaremos tratar neste breve trabalho.

1 Graduação em filosofia (UFCE) e mestrando em filosofia na mesma instituição.

1 AS RAÍZES DA MODERNIDADE

Tematizar o todo da realidade é a única forma de se fazer filosofia². A grande questão é a partir de qual fundamento se deve pensar o todo. O pensamento filosófico, desde seu nascimento, procura dispor das realidades plurais partindo da unidade que as origina e, por isso, é o princípio de sua inteligibilidade. Ela sempre foi, portanto, *metafísica*, nascida da *intuição do ser*. Pensar o absoluto para tematizar os relativos: eis o ponto de partida da filosofia explicitado por Parmênides. Nessa esteira, a *segunda navegação*, proposta por Platão, estabelece o impulso grego de subida e elevação do espírito humano ao Logos. O mesmo projeto, mas de modo distinto, operou Aristóteles ao perscrutar os primeiros princípios de inteligibilidade do real, buscando as causas e os pressupostos dos entes, das substâncias, em sua *protofilosofia*.

Desse modo, estabelecidos os dois grandes modos de tematizar o todo, a filosofia pode se construir e elevar-se como mestra das ciências que estão sob a luz natural da razão, tendo a Metafísica por instância fundante e articuladora e chegou ao ápice de seu itinerário no pensamento Tomás de Aquino. Da gnosiologia do *esse*, chegou-se à gnosiologia da representação, gestada já na segunda metade XIII, explicitada pelo escotismo, fortificada pelo nominalismo e que inicia uma espécie de crítica à possibilidade mesma de pensar a realidade e de atracar o pensar no ser.

Passando por pensadores como Descartes, Spinoza e Hume, chega-se então à ruptura entre ser e pensar operada pelo criticismo de Kant, que estabelece a modernidade como um abandono radical do paradigma próprio da filosofia desde seus primórdios. Essa é crítica à filosofia primeira que instaura a revolução copernicana operada pela filosofia transcendental, assumindo que a metafísica não dá conta de provar seus pressupostos. A chamada “morte da metafísica”, que Lima Vaz prefere se referir como seu “retraimento epocal”, realizou o coroamento da subjetividade finita como “*primum logicum et primum ontologicum*”³. Neste sentido, a modernidade apresenta-se como uma inversão radical do pensamento clássico, pois tenta “a construção de um absoluto no interior do próprio devir histórico” (VAZ, 2002, p. 99). A reviravolta antropológica centralizou a subjetividade como única fonte capaz de possibilitar a tematização filosófica, como horizonte da imanência.

Vaz expõe, assim, como a modernidade filosófica trouxe a “passagem decisiva do regime gnosiológico do ser ao regime gnosiológico da representação” (VAZ, 1997, p. 351), fundado na absolutização da representação sobre o ser, o que acaba por fazer do sujeito o princípio último da fundamentação metafísica. Nesses termos, a imanentização se torna o limite da filosofia, o conhecimento humano é seu próprio limite intransponível:

2 A separação escolástica entre o *objeto material* da filosofia, a saber, o todo da realidade, e seu *objeto formal*, a saber, as causas primeiríssimas, explicita a pretensão essencial de dar conta de todo o universo dos entes, como afirma Maritain em: *Elementos de Filosofia I, Introdução Geral à Filosofia*, 4.ed. Rio de Janeiro, Editora Agir, 1956.

3 Primeiro na ordem da inteligibilidade e do ser.

À razão que nasce com Descartes é lançado, pois, o desafio de pensar a existência. Nessa razão, porém, a vertente operacional, que Descartes lhe reconheceu na 4ª parte do Discurso do Método, acaba assumindo a primazia e torna-se instrumento privilegiado da atividade poética do sujeito, tanto na própria construção da ciência quanto na produção de objetos. A primazia da razão operacional decorre necessariamente do postulado noético fundamental de que a razão conhece a realidade na representação da ideia objetiva. Tal é o termo intencional do ato do conhecimento, o *id quod cognoscitur*. O conhecimento da realidade se inscreve, pois, no momento reflexivo da razão, e essa assume a prerrogativa de ser a instituidora originária do universo das razões - das razões - com as quais é edificada a “cidade do homem”. Tal é, no nosso entender, uma das significações profundas do *Cogito* cartesiano e é, igualmente, o desígnio essencial da metafísica da subjetividade que guia invisivelmente, mas eficazmente os destinos da modernidade. Estamos diante, portanto, de uma inversão que opõe diametralmente duas direções do vetor ontológico da razão, se assim é permitido falar. Uma primeira direção aponta para a transcendência absoluta do *Esse*, e foi seguida coerentemente por Tomás de Aquino. A segunda direção aponta para a imanência da representação, e por ela caminha a razão moderna. Ora, a existência, no seu simples ato de existir, é irreduzível aos procedimentos operacionais da razão (LIMA VAZ, 2002, p.102).

A incapacidade moderna de dar conta do existir gera a dramática situação de relevo do irracionalismo, pois que é ela, paradoxalmente, criada pela razão operacional que tomou conta dos ditames do pensamento filosófico, da cultura e dos diversos âmbitos da vida. A grande alternativa a essa situação implicaria um retorno à metafísica do *Esse* como primeiro na ordem da inteligibilidade e do ser como “*primum logicum et primum ontologicum*”, o que, para Lima Vaz, pode dar linhas de resolução para a questão que orienta a filosofia metafísica desde sempre, pois, nesses termos, *esse* e pensar podem coincidir numa unidade absoluta.

1 O RETORNO À METAFÍSICA DO ESSE

O desafio de devolver à filosofia sua fonte metafísica passa pela necessidade de repensar a estrutura mesma da metafísica clássica, já que passa pela inversão moderna. Segundo Vaz, “o caminho de Tomás de Aquino constitui o último grande itinerário gnosiológico rumo às altitudes metafísicas na história do pensamento ocidental”. Desse modo, segundo Manfredo Araújo de Oliveira, a metafísica do *Esse* elaborada por Tomás de Aquino se faz em dois momentos intimamente relacionados, o momento noético, em que o *esse* surge no interior do juízo e se exprime na noção de *esse commune* e o momento propriamente metafísico, que trata da inteligibilidade absoluta do *esse* que, então, passa a ser designado como “*Ipse*

esse subsistens” (OLIVEIRA, 2012, p.182) É desse ponto de vista que Vaz pretende traduzir Aquino como um metafísico capaz de apontar um rumo para o retorno da metafísica do *esse* como fonte da filosofia, superando o imanentismo moderno.

O significado e importância do texto de Lima Vaz se explicita no modo como a própria gnosiologia tomasiana se estrutura, pois que, segundo o filósofo jesuíta, “enquanto absolutamente inteligível, o *esse* (*einai, on*) reivindica sua identidade com o intelecto no ato mesmo em que é intuído. Esse e pensar coincidem, portanto, numa unidade absoluta” (VAZ, 2002, p. 151). Essa intuição da metafísica tomásica do *esse* revela-se de um valor inestimável na medida em que pela *via compositionis*, instaura o quadro dialético no qual se pode pensar o *absoluto* que gera a inteligibilidade dos seres finitos:

Ora, essa inteligibilidade radical, não tendo nada que a preceda ou condicione, é afirmada inicialmente como infinita e absoluta. Sendo o primeiro inteligível (*proton noetón*), o *esse* não poderá ser limitado ou relativizado extrinsecamente. A distinção entre o *Esse* absoluto, implícito na inteligibilidade radical do *esse*, e os entes relativos que se manifestam na experiência, está presente no conteúdo da intuição inicial. Os entes finitos e relativos, porém, só são pensáveis a partir do *Esse* infinito e absoluto que permanece imutável na sua plenitude inteligível. Convém, no entanto, distinguir metodologicamente a intuição do *esse* como ato, que dá início ao itinerário metafísico *per viam compositionis*, e a noção de ser como *ens commune* (*on he on, ens qua ens, ser enquanto ser*), que é a noção primitiva na ordem nocional (De Verit., q. 1, a. 1) e, ao mesmo tempo, termo do procedimento metódico da Metafísica *per viam resolutionis*. O *esse* como ato é intuído na *separatio* judicativa, o *ens commune* como noção é fruto da abstração. (LIMA VAZ, 2002, p.96)

Salvaguardando, assim, o ato de ser como princípio da perfeição ontológica e, portanto, da possibilidade da razão humana atracar na realidade, a metafísica do *esse* resguarda a inteligibilidade do todo da realidade. Aqui, a noção de criação recebe suma importância enquanto relação dialética do *Esse absoluto*, perfeição suma e criador de todas as coisas, e os *esse relativos*, que só podem ser tematizados do modo correto a partir da compreensão de sua relação. Tematizar os entes finitos só é possível na unidade mesma do infinito. Na esteira desse pensamento aparece, então, a noção metafísica de participação como articulação fundamental da metafísica do *esse*, pois que, dependendo o relativo do Absoluto, o finito do Infinito, a criatura do Criador, o *esse* é necessariamente recebido constantemente na manutenção desse próprio ato da Liberdade.

Unindo-se a Rousselot⁴, Vaz afirma ser o cerne da gnosiologia e da metafísica tomasiana a articulação da participação nas ideias divinas. Essa abordagem explora o influxo platônico na filosofia de Aquino como fundamento mesmo da possibilidade do conhecimento humano e do modo como ele ocorre, pelo *actus essendi*. O processo do conhecimento das coisas materiais se mantém em consonância com a doutrina aristotélica, de forma sumária, linha após linha. O que a interpretação proposta por Vaz faz é apontar para a síntese superior que a filosofia do aquinate realiza entre o platonismo e o aristotelismo de seu tempo: um realismo da ideia, ou uma metafísica da ideia⁵ que, pautada sobre a noção de participação abrange e esclarece a instância gnosiológica do sujeito cognoscente e a transcendência do Esse absoluto, fonte dos outros seres e de sua inteligibilidade. Esse é, para fins de explicitação, o fundamento da doutrina da analogia proposta por Tomás e tão célebre entre seus comentadores. A filosofia, assim pode voltar a ser a teoria do Ser em si e em seu todo, retornando a metafísica ao seu lugar de direito como instância fontal do filosofar, nessa alternativa à filosofia da subjetividade como diz:

A alternativa a essa situação exigiria o repensamento do paradigma da metafísica do esse, afirmado como primeiro na ordem da inteligibilidade e do ser (*como primum logicum e primum ontologicum*). Estaríamos aqui em face da injunção de um “retorno à metafísica” e de um novo situar-se diante do horizonte da transcendência objetiva do *esse*. Se admitirmos encontrar na crise do século XIII as primeiras sementes das quais cresceram as raízes da modernidade, não parece temerário pensar que uma tal “volta à metafísica” seja um dos caminhos viáveis para o pensamento filosófico nesse limiar do século XXI (LIMA VAZ, 2002, p.103).

Poder-se-ia, por fim objetar, em que medida essa proposta de resolução, ou superação do paradigma da filosofia moderna, pode ser considerada como suficiente a esse desafio, ou, ainda mais, qual o valor de se retornar ao que hoje, como nunca, é visto como filosofia ultrapassada e infrutífera, arcaica ou já descabida para o nosso tempo. Segundo Oliveira,

Tomás de Aquino e, com ele, Lima Vaz apontam com razão para o caráter absolutamente fundamental da filosofia que se revela, então, como filosofia do ser. Avançar aqui, parafraseando Hegel, significa retornar ao fundamento, ou seja, retornar ao fundamento da “filosofia do ser” e pensar com rigor teórico aquilo que a metafísica tomasiana e vaziana já intuíram e não desenvolveram, uma concepção compreensiva do ser entendido como a dimensão primordial, ou seja, enquanto a conexão de todos os elementos e de todas as confi-

4 Rousselot, Pierre, *A teoria da Inteligência segundo Tomás de Aquino*, 1999, Belo Horizonte: Edições Loyola.

5 Cf. LIMA VAZ, H. C. de, A Metafísica da Ideia em Tomás de Aquino, in: *Raízes da Modernidade*, op. cit., p. 223 - 238.

gurações do universo irrestrito do discurso, numa palavra, enquanto a dimensão oniabrangente (2012, p. 22).

Parece, muito mais do que nunca se foi tão necessário voltar a uma metafísica capaz de dar conta de articular a filosofia e devolvê-la a um chão fecundo no qual ela possa criar boas raízes. Retornando à base, a filosofia poderá novamente tematizar a pluralidade das coisas a partir da unidade fundamental do *esse*, essa é a intuição importantíssima de Lima Vaz. Só nessa intuição, já se demonstra a grandeza de sua proposição e a conveniência de se atentar para a superação da postura moderna, além da originalidade e vivacidade de seu tomismo. Partindo disso, o filósofo jesuíta aponta para uma saída da condição axiológica moderna, caracterizada sobretudo pelo *niilismo*.

CONCLUSÃO

A inspiração da hermenêutica vaziana ilumina a pretensão de interpretar o filósofo medieval nas balizas de uma gnosiologia do *esse*, explicitando as noções platônicas, ou neoplatônicas, presentes no seu pensamento e articuladas com o aristotelismo. Essa intuição fundamental não se limita ao nível puramente teórico, mas desemboca numa resolução plausível à dramática situação da cultura ocidental que, pela expulsão da metafísica do âmbito da razão, tornou-se incapaz de dar uma base existencial positiva para o agir humano, o que faz com os seus princípios sejam agora buscados nos mitos do prazer, do consumo e da liberdade absoluta. Isto é faceta do niilismo moderno, que ao relativizar fundamentos axiológicos, não consegue suprimir a ânsia do espírito humano por certezas, fazendo com que se tente cada vez mais suprir na categoria da técnica a falta de fundamentos sólidos.

Desse modo, perscrutar as raízes da modernidade é o único modo de compreender o quadro em que a gnosiologia da representação foi gerada e, portanto, o modo com o qual pode ser superada. Propor Tomás de Aquino como chave para essa superação é certamente uma posição curiosa, mas que tem um valor próprio se bem entendido. A interpretação de Lima Vaz mostra sua força a partir da possibilidade de dar novos ares à filosofia tomasiana e, neste sentido, o coloca entre os tomistas,

Cujo propósito declarado é o de traçar o perfil filosófico de Tomás dentro das coordenadas teóricas do pensamento moderno, traduzindo-se no intento de demonstrar, nas grandes opções temáticas no campo da filosofia, indicações ou antecipações em ordem à solução de problemas levantados a partir da instauração cartesiana de um novo ciclo histórico do filosofar (LIMA VAZ, 2002, p. 249).

O caminho percorrido pela abordagem metodológica do filósofo brasileiro, a partir do retraimento epocal da metafísica, proporciona uma visão panorâmica de todo desenrolar histórico da filosofia e de sua articulação intrínseca nos quadros referenciais teóricos de cada época distinta, demonstrando a necessidade de um retorno da metafísica e das questões adjacentes a ela. Certamente, a força de suas colocações, a agudeza de sua empreitada e a clareza

de sua proposta, coroam a sua obra como um esforço pessoal e autêntico de devolver à filosofia seu lugar de direito frente aos outros empreendimentos teóricos, e reaver sua necessidade e importância. É, assim, um caminho promissor que se abre para aqueles que ainda acreditam na dimensão fundamental do todo e se defrontam com o desafio de pensar a metafísica hoje. Segundo o que diz Oliveira,

Assim se pode dar à metafísica a configuração possível e necessária no contexto teórico em que nos situamos hoje e dessa forma efetivar o traço fundamental da filosofia enquanto teoria compreensiva da realidade enquanto tal, ou seja, enquanto teoria do ser em si mesmo e em seu todo. A metafísica assim entendida tematiza a base de todas as teorias, tanto filosóficas como não filosóficas, uma vez que examina o que é fundamentalmente pressuposto por qualquer trabalho teórico e enquanto tal se revela como absolutamente indispensável para um pensamento crítico e racional. Ela é, como diz Lima Vaz, a proposta teórica de pensar a unidade profunda da realidade em seu todo. O pensamento vigoroso de Lima Vaz, ímpar no contexto brasileiro, significa um passo insuperável nessa direção (OLIVEIRA, 2012, p. 22).

REFERÊNCIAS

- LIMA VAZ, Henrique C. de, *Escritos de Filosofia VII: Raízes da Modernidade*. 2.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- LIMA VAZ, Henrique C. de, *Escritos de Filosofia III: Filosofia e Cultura*. São Paulo: Edições Loyola, 1997.
- MARITAIN, Jacques, *Elementos de Filosofia I, Introdução Geral à Filosofia*, 4.ed. Rio de Janeiro, Editora Agir, 1956.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo, *A Metafísica Enquanto Instância Fontal da Filosofia no Pensamento de Lima Vaz*, Síntese, Belo Horizonte, v.39, n. 124, 2012.
- ROUSSELOT, Pierre, *A teoria da Inteligência segundo Tomás de Aquino*, Belo Horizonte: Edições Loyola, 1999.